

ONDE A GENTE QUE É GENTE SE ENTENDE: RASTROS DA HOMOSSOCIABILIDADE MASCULINA NO RIO DE JANEIRO (1960-1970)

Kyara Maria de Almeida Vieira

(PPGH-UFPE/ Grupo de Estudos de Gênero Flor e Flor-CNPq)

kykalua@ig.com.br

Co-autor: Paulo Roberto Souto Maior Júnior

(PET-HISTÓRIA UFCG/ Grupo de Estudo Laboratório em Biopolíticas Urbanas-CNPq)

paulosoutomaior@yahoo.com.br

Grupos de homens identificados como homossexuais para além dos preconceitos e mazelas encontradas na vida cotidiana elaboraram subjetividades objetivando uma vida digna de ser vivida a partir do si mesmo conforme nos mostram bibliografias que analisam o problema e permite uma revisita nesses espaços marcados por dor, tristeza, angústia, medo, mas também felicidade, curtição, conversas, encontros, da amizade enquanto uma constituição de si¹ na criação subjetividades como percebemos nas leituras a cerca de O Snob e das práticas de lazer estudadas por Green e Trevisan.

Na década de 1970 um homem auto afirmado homossexual descreve com veemência:

A vinda para o Rio foi muito preparada e anunciada. A família não barrou a vinda porque preparei o caminho. A razão foi pela não identificação, é uma cidade maior. O pequeno mundo de Belo Horizonte era estável. No Rio, as coisas se diluem mais – as necessidades diminuem em termos de status. Há uma descoberta mais do espírito... menos confeitada, mais natural.
(GUIMARÃES, 2004, p.60)

¹ Entendemos o cuidado de si enquanto um processo de subjetivação dos indivíduos. Nas palavras de Michel Foucault (2010, p. 9): “o cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência”

O emissor da fala acima parece estar insatisfeito com a sua Belo Horizonte, lugar “estável”, parado, inalterável. Surge a necessidade de buscar um espaço maior, representado pelo Rio de Janeiro porque lá “as coisas se diluem mais”. O rapaz alude à família, esta que não o deteve porque sua migração foi bem arquitetada. E o melhor, ele não está sozinho.

Chegam ao Rio de Janeiro homossexuais de norte a sul do país. Movimento migratório com suas origens reportando as décadas de 1940 e 1950, mas analisado aqui a partir dos anos de 1960 e 1970. A cidade, mais tarde, no século XXI, denominada “paraíso gay”, o Rio de Janeiro, atraía o público homossexual por oferecer lugares de sociabilidade e a tentativa por muitos indivíduos que desfrutavam do “amor que não ousa dizer o nome” saírem de sua cidade de origem, interior ou capital, silenciosa nos olhares e maléfica nos dizeres, e “escapar”, “fugir”, “migrar” para longe em busca de um mundo menos intenso nas injúrias. Mundo “onde a gente que é gente se entende”, conforme nos lembra a canção de Agnaldo Timóteo².

No Brasil as grandes capitais, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo, passaram a ser vistas como locais de maiores possibilidades, uma nova residência. Semelhante ao ocorrido no final do século XIX nas cidades de Paris, Londres, Nova York e São Francisco, quando cartas de amigos e livros anunciavam outro mundo. Constrói-se, pois uma “mitologia”, “fantasmagoria” do outro lugar. Um mundo de socialização que não apenas supera a solidão e protege do anonimato, mas onde a identidade pessoal se reinventa a partir da própria subjetividade. É preciso migrar para a cidade grande (Eribon, 2008, p.31). Deixar o lar é diminuir o vínculo heterossexista com a família e um espaço representados por situações banais de olhares e falas silenciadas ou xingamentos e agressões que trazem ao receptor, sensações de estar fora do normal, do pronto, do estabelecido. Alguém que vai sendo construído e se construindo com as fagulhas de sentenças e condenações perpétuas por amar diferente; alguém que almeja a liberdade da condição de vida, alguém “livre” de pensamentos e atitudes de repressão.

² A galeria do amor. Agnaldo Timóteo. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/agnaldo-timoteo/319955/>

Eis que estar sozinho se metamorfoseia diante de amizades iniciadas em bares, boates, cafés, restaurantes, banheiros públicos. A cidade grande mais que trazer uma gama de vivências novas e inusitadas traz a possibilidade da form (ul) ação de uma nova família, a de amigos. Amizade fundada a partir do companheirismo, da atenção, de parte considerável na nova biografia dos indivíduos. Talvez se possa falar de amizade como necessidade também de fuga para sujeitos livres da máscara noturna, da dupla vida constituinte “no armário”. É certo, por conseguinte, que a sociabilidade possui um ponto emancipatório à medida que colabora no processo de aceitação de si por parte dos *gays*³.

Desde a década de 1950 (Costa, 2010, p.06) havia associações dedicadas à diversão onde homens promoviam shows de travestis e concursos de miss. Prova disso seria posteriormente a produção artesanal do periódico *O Snob* (Costa, 2010, p.10), jornal voltado ao público homossexual e em circulação em várias regiões do país de 1963 a 1969 – tendo como uma das razões para o seu fim a repressão promovida pela Ditadura Militar. Apesar de publicações como essa terem sido embrião do movimento homossexual no Brasil dado o seu caráter com o estigma da repressão e da clandestinidade, a análise deste texto foca as formas de lazer, não apreço haver ali, segundo o estudo de Costa uma preocupação política com os direitos e visibilidades homossexuais. *O Snob* trouxe fofocas e notícias sobre os concursos de miss nos seus primeiros anos. E, é claro, pegação. O jornal alude a vários locais homens se encontravam. O Central do Brasil e outros banheiros são sugeridos no “ensinar” as práticas “Da arte de caçar”, conforme será colocado em seguida.

No entanto em 1965 a coluna Pantera propõe discussões sobre a homossexualidade. As alterações no periódico *O Snob* desencadearia na sua segunda fase, mais especificamente em 1968. O jornal vinha a público com 54 a 60 páginas,

³ Cumpre ressaltar que os homossexuais eram vigiados e punidos. O governo militar pensou medidas a fim de erradicar a “subversão” a partir de 1969, antes as medidas repressivas não pareciam ser tão presentes. Uma das razões para o fim desse período ameno, segundo Green (2004), foi o AI-5, Ato Institucional, quando a repressão a vários setores da sociedade se tornam maiores. Exemplo da nova postura se fez sentir na Galeria Metrôpole onde blitz fecharam suas portas e levaram todo o público preso. Em 1972 a situação parece mudar porque se torna mais problemático para os militares driblar contestações circunscritas a expressões literárias e artísticas do que a discotecas e saunas com perfil contestador ,ao que parece, ausente.

semelhante a uma revista com espaço destinado a crônicas, contos, poesias, artigos e colonismo social. O modo de atuação da rede de sociabilidade criado pelos integrantes do jornal sugeria maneiras e atitudes de seus participantes em determinado momento.

Um dos principais focos reside no sexo. Na coluna “Da arte de caçar”, conforme o jornal aconselhava como e onde encontrar parceiros sexuais bem como atentava para o perigo de tais atividades. O olhar, os gestos, a forma de se aproximar constitui artimanhas da pegação⁴. Em sua primeira fase, 1963-1968 também permeada pelas fofocas e maior sugestão sexual é firmada uma dicotomia que ainda hoje permeia os preconceitos e estereótipos para com pessoas que gostam de pessoas do mesmo sexo, trata-se da dupla dicotômica bofe/bicha.

O bofe é o macho viril, o ativo, aquele que penetra, distante dos signos associados ao feminino; a bicha é o efeminado e que assume a posição sexual do que é penetrado, do passivo (Green, 2000). *O Snob* não se contentou com a simples oposição e publicou em uma de suas edições “Os Dez Mandamentos da Bicha” (GREEN, 2000, p. 305):

1. Amar todos os homens.
2. Nunca ficar com um só.
3. Beijar a todos os bofes.
4. Evitar falar no futuro.
5. Quanto mais intimidade na cama melhor.
6. Fingir que sempre ama um só.
7. Nunca esquecer os bofes casados.
8. Evitar falar em dinheiro.
9. Não querer as mariconas.
10. Casar só por uma hora.

Cada tópico acima é digno de análise. O segundo e o sétimo mandamento corroboram o preconceito social ligado a devassidão, isto é, os homossexuais estão ligados “exclusivamente” ao sexo e por não esquecer os casados coloca em questão o equilíbrio da norma familiar burguesa, que tem como matriz a heterossexualidade.

⁴ Segundo o estudo Rogério Martins Costa, “‘Pegação’ é termo que tem para o grupo significado relacionado tanto ao ato quanto ao local. Em local de ‘pegação’ há ‘permissão’ para exprimir com mais objetividade a intenção sexual das ações ali praticadas. É onde se ‘caça’, e o ‘caçador’, no caso, é a ‘bicha’, que ‘pega o bofe’, metáfora imediatamente associada a objeto exposto e acessível para ser usado sexualmente, o que denota relação sem apego afetivo, encontro casual” (Costa, 2004, p.45)

Simões e Facchini (2009) se detêm no nono mandamento. Ora, o mandamento é endereçado à bicha, portanto aquele carregado de trejeitos femininos e com posição sexual passiva. Nada mais alusivo que a rejeição a outra “bicha” – a mariconna, dada as suas preferências na cama (o coito “não” pode se realizar). Transar com todo fôlego, ser livre na cama, deixar a imaginação e o corpo realizar, semelhante a imagem que circulou no último número de *O Snob* com homens frente a frente aludindo ao contato direto entre seus pênis e as mãos dadas podendo ser interpretado com uma relação não apenas carnal. Além disso, tal posição remonta a hierarquia dos gêneros que “deve” (deveria?) marcar as relações heterossexuais: mulher embaixo/ homem em cima. Ora! Se o coito é pensado enquanto ato que deve ter como principal motivo a reprodução, a imagem da capa de *O Snob*, é uma convocatória para se repensar, já nos anos 1960, as práticas da sexualidade em suas múltiplas possibilidades, solapando, já de primeira, a centralidade do ânus nas relações entre homens homossexuais.



Capa do último número de *O Snob*, maio de 1969. Extraído de Green, 2000.

A imagem da capa de *O Snob* é publicada num contexto em que o modelo *macho/ bicha*⁵ começa a ser posto em questão não apenas no silêncio dos quartos onde homens se juntam para ter prazer e permutar sentimentos. Mas, como afirma Vieira (2006, p. 76),

⁵ Segundo Perlongher (apud GREEN & TRINDADE, 2005, p. 273), em seu artigo intitulado *Territórios Marginais*, o modelo *gay/gay* é americano, enquanto o modelo *macho/bicha* é tropical.

intelectuais e artistas irão questionar e discutir esse modelo, propondo então um modelo considerado moderno, igualitário, pequeno-burguês, definido como *gay/gay*, conforme o qual os homens serão classificados em homossexuais ou heterossexuais segundo o objeto sexual que escolherem, e não mais em passivos e ativos pela sua *performance* na relação sexual.

Os concursos de miss de *O Snob* encenam uma sociabilidade festiva e ocorriam em locais particulares. Portanto, estratégias de invisibilidade eram minuciosamente pensadas, e, os convidados deveriam chegar ao prédio “bem comportado”. Todo cuidado era tomado para que os vizinhos e porteiro não percebessem do que se tratava. Comumente levavam as roupas de seus travestis dias antes da festa. O que nos permite pensar na questão da identidade e sua fluidez quando se trata da experiência de homens homossexuais, que podem também se moldar de acordo com as situações, muitas vezes correspondendo às normas heterocentradas para poder sobreviver. Nesse sentido, “*As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou “fixação” do sujeito aos fluxos do discurso*” (HALL, 2005, p. 112).

Nos fins de tarde de sexta-feira pensava-se no que fazer, para onde ir. Lapa, Centro, Praça Tiradentes, Via Appia, Cinelândia, Copacabana e o “Bolsa de Valores” formavam as possibilidades na agenda dos fins de semana. A noite convidava ao prazer. Alguns viam a possibilidade de sexo inclusive em banheiros públicos, outros preferiam barzinhos agradáveis onde havia a possibilidade de uma relação mais duradoura. À noite, nos lugares citados, a movimentação era intensa e permeada por alguns atores sociais: “bichas”, “michês”, “veados”, pessoas sozinhas, casais.

Apesar da atividade do michê merecer um estudo a parte⁶ pode-se verificar no material analisado que estes se encostavam em carros estacionados e em frente a prédios a espera de seus clientes. Combinavam o preço e se dirigiam a algum hotel da Lapa dependendo do nível econômico do cliente. Com o cair da noite e a má iluminação desses ambientes, tudo sugeria a clandestinidade. As sombras das pessoas e das coisas pareciam se confundir, olhares fixos são lançados em meio à escuridão, corpos a se

⁶ Sugerimos para aprofundamento no estudo do michê o trabalho de Nestor Perlongher intitulado “O negócio do michê” que promove uma análise capital no comércio do sexo na cidade de São Paulo.

exibir, passos leves indicavam a aproximação com um desconhecido, mãos deslizando sobre os órgãos genitais.

No sábado pela manhã a praia era a sugestão, especialmente em Copacabana onde se conversava, faziam-se amizades, combinavam horários, lugares e companhias. A praia era, portanto, a principal atividade diurna de lazer. Ponto de encontro entre moradores e turistas (inter) nacionais, com destaque para a concentração era do público masculino.

Em meio ao Sol alguns casais se destacavam com simples gestos de carinho; os solteiros usavam o olhar a fim de novas amizades. Concomitantemente corpos com poucas roupas, físicos esculturais, pele bronzeada, “o tamanho do pau”, nados e mergulhos permitem avaliações alheias. Em um ambiente agradável e de clima tropical a possibilidade de novos contatos era crescente. Os que procuravam “homens verdadeiros” se dirigiam a praia do Flamengo. Nas proximidades, operários trabalhavam em construções e podiam se divertir com as “bichas”. É bom lembrar que, no caso, o operário era homem porque exercia o papel ativo na relação e aceitava transar com a “bicha” mesmo porque “mulher não quer chupar, não quer dar. A bicha só tem sexo na cabeça”, conforme entrevista concedida a Green (2000, p. 302).

Havia também as boates como a do Posto 5 e bares na Avenida Nossa Senhora de Copacabana como o Scotch Bar. Década de 1960 empresários da noite carioca mudaram o olhar e política de dizibilidade da clientela gay passando a investir mais em espaços voltados para o público como “O Alfredão”, boate com público quase exclusivamente homossexual.

As insinuações ao sexo viu expressões para lá de ousadas em algumas boates, como a “Galeria”. Ali a preferência era a pista de dança às mesas. A dança introduz o ritual. Os corpos se insinuam. Olhares se cruzam. Gestos eróticos. Muitas pessoas dançam sozinhas indicando sua disponibilidade. As mesas são ocupadas de preferência por “pares”. Regra no caso da Galeria é não dançar agarrado e não demonstrar afetos sexuais em público. Corre-se o risco de durante quinze dias andar afastado da boate (Guimarães, 2004, p.92).

Na mesma maré, os teatros como *O República* e mais ainda os cinemas, a exemplo do *Primor* e do *São José* no centro do Rio, refletiam outra possibilidade para o sexo. Homens ocupavam assentos desocupados e iniciavam a arte do olhar para os lados, olhares de insinuação sexual, de conhecimento, de conversas. Ambientes onde com frequência a imaginação logo se concretizava e também os esfregar de uma relação sequer iniciada.

Colocar o pé na estrada em busca de diversão gozava da simpatia dos homossexuais na década de 1960. Juiz de Fora e as capitais do Nordeste estavam entre os destinos mais procurados. Os componentes de *O Snob* aproveitava tais ocasiões essenciais para entrar em contato com os poucos grupos homossexuais locais, se informando sobre espaços e problemáticas das “bichas” no cenário nacional. Amizades surgiam desse contato, bem como relações sexuais com os “bofes” da região. Indiscutivelmente se espalhava por algumas cidades do Brasil o modo de vida homossexual da cidade do Rio de Janeiro. Logo as viagens aproximavam as mentalidades distanciadas pela geografia do espaço (interior versus capital) e pela geografia do social (práticas liberadas versus práticas proibidas).

A efervescência cultural do período colaborava com uma maior visibilidade do público homossexual. Caetano Veloso subia aos palcos e encantava a juventude. Apresentava-se de bustiê e batom numa alusão clara a Carmem Miranda. Tantas outras vezes beijava na boca seus próprios músicos levando a plateia ao delírio. Suas letras falam de um “menino vadio/ dragão tatuado no braço/ calção corpo aberto no espaço”⁷ e ousa com “Ele me deu um beijo na boca” que possui como verso final “e eu correspondo aquele beijo. Apesar de afirmar não transar com homens causou desconfiança de alguns a sua amizade com o também cantor e compositor Gilberto Gil. Nas letras “Pai e Mãe”⁸ e “Super-Homem (A canção), Gil faz referências também à temática homossexual.

Nessa época ainda as mulheres ganharam um considerável impulso contribuído por Maria Bethânia ao deleitar ouvidos com a letra de Fernando Lobo e Antônio Maria:

⁷ Canção Menino do Rio de Caetano Veloso, 1980. Disponível em:
http://www.paixaeromance.com/80decada/menino/h_menino_do_rio.htm

⁸ Disponível em: <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/46231/>

[Digite texto]

“Por que você me olha com esses olhos de loucura?/ Por que você diz meu nome?/ Por que você me procura?/ Se as nossas vidas juntas vão ter sempre um triste fim/ Se existe um preconceito muito forte separando você de mim”⁹. Vivia-se sob a influência do Tropicalismo onde novos padrões e paradigmas levavam a entender que “vocês não estão entendendo nada”¹⁰.

Percebe-se uma maior abertura proporcionada também por artistas e que vem a comprovar certa abertura ao público homossexual. Público este que historicamente foi representado apenas por sujeitos ligados ao sexo, à diversão e a devassidão. Foram estigmatizados como promíscuos por viverem na clandestinidade, usavam máscaras para caminhar mais leve, livre.

Sendo assim, por que não acreditar que numa fria tarde em um prédio localizado na Avenida Atlântica dois rapazes enamorados se encontram na varanda olhando a chuva cair sobre o Cristo Redentor e ali um lê para o seu camarada o poema “Quando ouvi ao final do dia” de Walt Whitman

Quando ouvi ao final do dia que meu
Nome tinha sido recebido com aplausos no
Capitólio, ainda assim aquela não foi uma
Noite feliz para mim,
E também quando me embebedava ou quando
Meus planos eram bem sucedidos; ainda assim
Não me sentia feliz;
Mas no dia em que me levantei da cama,
Ao alvorecer, em perfeita saúde, bem refrescado,
Respirei o ar perfumado do outono, cantei bem
Alto algumas melodias,
Quando vi a lua cheia empalidecer no oeste
E desaparecer na luz do manhã,
Quando andei sozinho pela praia, banhei-me
Nu, das águas frias assisti sorridamente o sol
Surgir.
E quando pensei que meu companheiro, meu
Amante estava a caminho, então me senti feliz.
Então cada alento parecia-me mais doce, e
Durante todo aquele dia eu me alimentei melhor,
E o belo dia logo terminou.

⁹ Canção Preconceito. Disponível em : <http://letras.terra.com.br/isabella-taviani/353792/>

¹⁰ Referência ao manifesto de Caetano Veloso “Vocês não estão entendendo nada”. Disponível em: <http://www.irradiandoluz.com.br/2008/08/voces-nao-estao-entendendo-nada-ou-os.html>

[Digite texto]

E o seguinte foi igualmente alegre, e ao entardecer
Chegou meu amigo,
E naquela noite, enquanto tudo em volta
Permanecia tranquilo,
Eu ouvia o movimento vagaroso e ritmado
Das ondas na areia da praia,
E me pareceu que elas estavam a sussurrar-me
Uma congratulação
Porque aquele que eu mais amava dormia a
Meu lado, sob a mesma coberta,
Na noite fria,
E no silêncio, banhado pelo luar do outono,
Seu rosto voltava-se para mim,
E seu braço descansava levemente sobre meu
Peito – e naquela noite eu fui feliz.

Referências Bibliográficas:

- ÉRIBON, Didier. *Réflexions sur La question gay*. Paris: Fayard, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1 – A Vontade de Saber*. 17ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 2006.
- _____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo, Martins Fontes, 2010.
- GUIMARÃES, Carmem. *O Homossexual Visto por Entendidos*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Dissertação de Mestrado, 1977.
- GREEN, James. *Além do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo, Editora da Unesp, 2000.
- _____. & TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros Escritos*. São Paulo, Editora Unesp, 2005.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org). 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- NOGUEIRA, Nadia. “Códigos de Sociabilidade Lésbica no Rio de Janeiro dos Anos 1960”. In: COSTA, Horácio. *Retratos do Brasil Homossexual: Fronteiras, Subjetivações e Desejos*. São Paulo. Edusp, 2011.
- SIMÕES, Júlio Assis e FACCUINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.
- Whitman, Walt. *Folhas da Relva*. Martin Claret: São Paulo, 2005
- [Digite texto]

TREVISAN, João S. *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. 6.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. *“A única coisa que nos une é o desejo”: produção de si e sujeitos do desejo na vivência da homossexualidade em Campina Grande/PB*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Humanidades. Campina Grande, 2006.